

Do sintoma ao sinthoma

Pierre Skriabine
Tradução: Vanessa

O último ensinamento de Lacan, e ainda o mais recente, como se tem o prazer de dizer hoje, se posiciona sob a égide do deslocamento do ponto de pertinência de sua elaboração do Outro ao Um, do Ser à Existência, do Simbólico ao Real. Esse deslocamento que lhe permite isolar a essência da experiência analítica em termos de estrutura, e mesmo de estrutura topológica, o leva à nos legar uma nova clínica diferencial, aquela que ele funda sobre o nó borromeano. É o que desenvolveu Jacques-Alain Miller ao longo de seu curso deste ano de 2011, “O Ser e o Um”.

Este deslocamento, Lacan nos dá uma ideia desde a terceira lição – “A função da escrita” – de seu Seminário Encore(1), onde ele nos anuncia, evocando Joyce, um ponto vivo da sua elaboração da articulação do inconsciente e do sintoma, que só achará sua formulação final na ressonância do Seminário sobre Joyce, em *L’insu* que *sait de l’une bévue s’aile à mourre* (2).

“O sintoma é real”. “A doença mental que é o inconsciente não desperta” (3).

Com esse mexida no estatuto do sintoma, há uma verdadeira virada no ensinamento de Lacan, sobre a qual ele é muito explícito em seu Seminário O Sintoma, em torno de uma questão, na lição de 13 de abril 1976 (4). Este ponto fica muito frequentemente despercebido, e eu vou tentar afirmá-lo hoje. É a partir desse ponto central da elaboração de Lacan dos últimos anos de seu Seminário que vamos tentar esclarecer a articulação do sentido e do gozo, do significante e do signo, do signo e da letra, do sintoma e do sinthoma.

O sintoma e o legível, ou o inconsciente interpretável

Sob esse título, podemos abrir a tese de Lacan sobre o inconsciente, tal qual ele a desenvolve, que ele a reformula, nos anos de 1972-1973.

1) O inconsciente é o que se lê, “o que se lê além do que você incitou o sujeito a dizer” (5), quer dizer que a uma cadeia significante, podemos dar uma outra leitura do que ela significa: nós temos aqui, finalmente, a fórmula elementar das “surpresas do inconsciente”. É nesta outra leitura – que também tem o nome de interpretação – que reside a emergência de um saber que não se sabe e que se sustenta de um significante. “O legível, dirá Lacan em 1978 (6), é nisto que consiste o saber”.

Reconhecemos aqui exatamente a tese freudiana: o sonho, o ato falho, o chiste, ao final isto se lê como lê-se os rebus – dito de outra forma, isto se decifra. De onde a formulação de Lacan, em sua “Introdução alemã dos Escritos” fazendo referência ao trabalhador ideal, *der Arbeiter*, quer dizer ao sujeito suposto saber inconsciente: “o inconsciente trabalha sem pensar nisso, nem calcular, julgar também não e (...), portanto o fruto está aqui: um saber que se trata somente em decifrar, já que consiste em um ciframento”(7).

As formações do inconsciente, que são para serem lidas como se decifra uma mensagem cifrada, só tem relação à materialidade do significante puro, assim como à estrutura diferencial e ao caractere combinatório do significante, à maneira dos elementos do rébus, é uma combinação onde o elemento é o significante, e todo significante pode servir de mensagem cifrada (8).

A materialidade do significante que permite a codificação, é essencial aqui, Lacan insiste neste ponto, forjando por exemplo, a respeito disso, em sua “Conférence à Genève sur le symptôme”, em 1975 (9), o termo de motérialisme.

O inconsciente é assim, um saber – no qual supõe-se um sujeito – que reside na codificação

significante, e que é para se ler, quer dizer para se decifrar. De outro modo, o que se passa na análise, sobre esse plano, embora visando o sentido, transcende o sentido, ainda mantendo a função do Outro, o Outro do significante que, como o diz Lacan, “puxa a corda do que se chama imprudentemente o sujeito” (10).

2) Segundo elemento do anúncio da tese de Lacan, tal qual se acha pelo exemplo em sua “Introdução à Edição alemã dos Escritos”: o inconsciente é um saber que trabalha, e que trabalha para o gozo; na codificação é o gozo, ele se engancha à materialidade mesma do significante e à seu jogo de combinações. É nesses desfiles lógicos do processo de decodificação que se localiza esse gozo, o qual Lacan nos relembra (11) que ele não é nada além do que Freud chamou de libido e relacionou aos processos primários.

Lembramos aqui que em sua elaboração, para retomar uma fórmula de Jaques-Alain-Miller, a condução de um axioma do desejo à um axioma de gozo, Lacan é levado a pensar a palavra não enquanto ela se endereça ao Outro, como veículo da comunicação, mas enquanto veículo de gozo.

É a respeito disso que ele propõe, em seu Seminário Encore (12), o conceito de alíngua, quer dizer um simbólico separado do Outro e referido ao Um. Alíngua é uma primeira articulação do gozo com o simbólico, onde os significantes tomados em sua pura materialidade, um por um, os S1s, nós temos com alíngua o significante apreensível em sua disjunção com os outros, fora de todo efeito de sentido, o estado primordial do significante: “É a introdução da diferença no campo, que permite de extrair de alíngua, o que ela é de significante” – quer dizer a estrutura da linguagem -, precisa Lacan ao fim de Encore (13).

O inconsciente é um saber que reside em alíngua, que é feito com ela, com esta alíngua que serve de receptáculo, de veículo, ao gozo. E enquanto tal, e como todo saber assim que, não deixa de ressaltar Lacan, é um saber onde o exercício só pode representar um gozo (14).

O inconsciente consiste em gozar de um saber: “não há necessidade de saber que se sabe para gozar de um saber”, dirá Lacan em sua “Conférence à Genève sur le symptôme”(15).

O gozo de que se trata, se engancha ao significante e à codificação que ele permite: ele é assim aparelhado à linguagem (16), é o gozo fálico, tal qual Lacan o define como um dos destinos do mítico gozo sexual ao qual a linguagem precisamente interdita todo acesso, assim como ele torna impossível a relação sexual.

O gozo fálico é, na análise, aquele que consome o analisante, como ressalta Lacan em seu último Seminário, Dissolution (17), em 1980, aquele da prática do falatório. É também, aquele que ele evoca em Televisão (18): gozar do deciframento, roçar o sentido o mais perto possível sem se deixar prender na sua cola – a propósito do que ele designa como uma virtude, o gaio saber.

3) Formular o inconsciente como um saber cifrável, decifrável, onde o exercício é um gozo, conduz Lacan a rever o estatuto do sintoma, que não é mais, desde então, somente mensagem onde o sentido deve ser entregue.

O sintoma tem estatuto de signo: “O inconsciente, diz Lacan em Television (19), (...) nos lembra que na vertente do sentido, (...) o estudo da linguagem opõe à vertente do signo”, do signo enquanto que ele “ porta somente o dever de ser decifrado” (20), como o definiu então Lacan em “Introdução à edição alemã dos Escritos”.

De que o sintoma é signo? Ele é sempre, no fim das contas, signo da falha da relação sexual, ele tem uma função de substituto, de suplência ao fato que o significante falha em escrever a relação sexual, de modo que a linguagem não saberia codificar essa relação.

A interpretação do sintoma como signo “dá sentido, como escreve Lacan, aos efeitos de signifi-

cação que a bateria significativa da linguagem substitui à relação que ele não saberia codificar” (21) – à relação sexual; e esse signo, em seu retorno, produzido pelo número um gozo, substituto, falácia, de um gozo impossível que seria adequado à relação sexual (22).

4) O sentido sexual do sintoma, já colocado por Freud anteriormente, acha aqui sua lógica: o efeito da linguagem sobre o registro instintual, não o esqueçamos, é de espedaçar o gozo. E o sintoma, como metáfora, coloca sempre em jogo dois significantes: o termo que evoca a questão do gozo, - o problema da sexualidade, seja do trauma sexual, onde se fixa o gozo – e o termo que representa a resposta do sujeito com relação à questão do gozo. É nisto que a interpretação, que visa ao sentido, não somente acha o sentido sexual, mas encontra o ponto de gozo que ela vai descobrir; seu efeito é “ de isolar no sujeito, um coração, um Kern, para dizer como Freud, de non-sense”, como diz Lacan no Seminário XI (23).

“A interpretação não está aberta à todos os sentidos”, acrescenta Lacan, “Ela é uma interpretação significativa, e que não deve perdida. Isto não impede que esta significação seja, para a ascensão do sujeito, essencial. O que é essencial, é que ele vê, mais além desta significação, à qual significante – não-sentido, irreduzível, traumático – ele é, como sujeito, assujeitado”.

Lembramo-nos o que enunciava Lacan, em março de 1980, em Dissolução (24): “a religião é a morada original do sentido (...) Eu tento seguir por aqui, para que a psicanálise não seja uma religião, como ela tende a ser, irresistivelmente, desde que se imagina que a interpretação só se opera pelo sentido (...) sua saída é outra, a saber no significante como tal” ; a saída da interpretação é então na materialidade do significante, no equívoco, no não-sentido, e visa o que Lacan chama de inconsciente irreduzível, o que não é para se ler, é a escrita, a letra, tal qual define Lacan, o que nos introduz ao ilegível.

O sinthoma ou o resto irreduzível: o inconsciente ilegível

Até o Seminário sobre Joyce, O sinthoma e sua elaboração da topologia borromeana, Lacan já havia tratado de um duplo sentido do significante, como elemento de uma cadeia onde se veiculam sentido e significação, e como materialidade submetida à uma estrutura onde se agarra o gozo: o inconsciente é ao mesmo tempo saber e gozo, e o sintoma, uma formação do inconsciente.

A elaboração de Lacan o conduz desde então, não mais a favorecer a congruência do inconsciente e do sintoma, mas a ressaltar a sobre sua disjunção.

1. É precisamente a partir de Joyce que Lacan vai poder separar sintoma e inconsciente, e formular o sintoma como um real não analisável, como resto, então do inconsciente. É o primeiro ponto.

E Lacan ilustra com a obra de Joyce, no artifício que constitui a sua escrita. Joyce, de fato nos dá a essência do sintoma, o sintoma puro do que ele é da sua relação com a linguagem, tomado como efeito, quando esse efeito, não se analisa: é a marca desta escrita onde o significante vem preencher o significado. Esse efeito, Joyce o eleva à potência da linguagem, sem que isso implique que seja analisável, diz Lacan em sua conferência “Joyce o sintoma I” (25): é nisto que Joyce é anulada ao inconsciente, e o que ele produz é o sintoma tal qual não há nada há fazer para analisar – é o que Lacan chama o sinthoma.

O sinthoma desde então, é o resto irreduzível, inanalizável, real, do sintoma.

O sinthoma, é um outro nome para o inconsciente irreduzível, retornando à sua etimologia, ele é puro signo, o signo tomado aqui como congruente ao real, assim que o precisa Lacan em 1977 em *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (26).

2. A partir daqui, o que opera na estrutura, é um binário que Lacan designa inicialmente de símbolo e sintoma, em seguida inconsciente e sinthoma: “o inconsciente” – a saber, o que é analisável -, “se enoda ao sinthoma, que é, diz Lacan (27), o que há de singular em cada indivíduo”.

O sinthoma só se pode apreender pelo que se revela de gozo, de um gozo distinto da linguagem. “Gozo opaco de excluir o sentido”, escreve Lacan em “Joyce o sintoma II” (28), e ele acrescenta: “só há despertar através deste gozo” – real. O sintoma – enquanto sinthoma – é real; “é mesmo a única coisa verdadeiramente real”, destaca Lacan (29).

O sintoma como real, é nisto que Lacan nos designa como sua resposta sintomática: o real e sua resposta sintomática à elucubração freudiana (30). Tal é o deslocamento essencial do estatuto do sintoma que ele opera: “era preciso que eu reduzisse o sinthoma em um grau para considerar que ele era homogêneo à elucubração do inconsciente. Quero dizer que ele se figurava como enodado à ele. (Eu reduzi) o sinthoma à alguma coisa que não corresponde mais à elucubração do inconsciente” – o sinthoma não é uma formação do inconsciente, se não é no sentido de formação residual – “mas à realidade do inconsciente” – que é sexual: o sinthoma é considerado equivalente do real – diz Lacan em *Le sinthome* (31), o que corresponde à definição que ele dava desde já do sintoma em RSI: “Eu defino o sintoma pela maneira onde cada um goza do inconsciente enquanto que o inconsciente o determina” (32).

Há, contudo, enodados, inconsciente e sinthoma, $Ics + \Sigma$, que enodam R e I no nó borromeano de quatro. Esse par, $Ics + \Sigma$ (33), é o inconsciente, redutível a um saber interpretável, que se articula a um resto real que não tem sentido, a um inconsciente irreduzível (34) que é gozo opaco: o legível e o ilegível, separados.

Terceiro ponto, o que é esse irreduzível que presentifica o sinthoma? Em que ele é mais irreduzível que o gozo fálico que nós reconhecemos no sintoma?

Essa irreduzibilidade, é o traço indetectável próprio a cada sujeito: “aprende-se a falar e isso deixa traços (...) e deste fato, deixa consequências que não são nada além que o sinthoma”, nota Lacan em 1978 (35). Esse traço inapagável que é o que há de mais singular em cada indivíduo, constitui, do mal-entendido que presidiu o nascimento de cada um, a parte que não se revelará jamais, como indica Lacan em sua última lição de seu *Seminário*, em 1980 (36).

Além mesmo de uma resposta, para cada um, ao impossível de uma relação sexual inscriteável no significativo, o traço que constitui o sintoma enquanto sinthoma é a herança particular que é de responsabilidade do sujeito. É uma marca real.

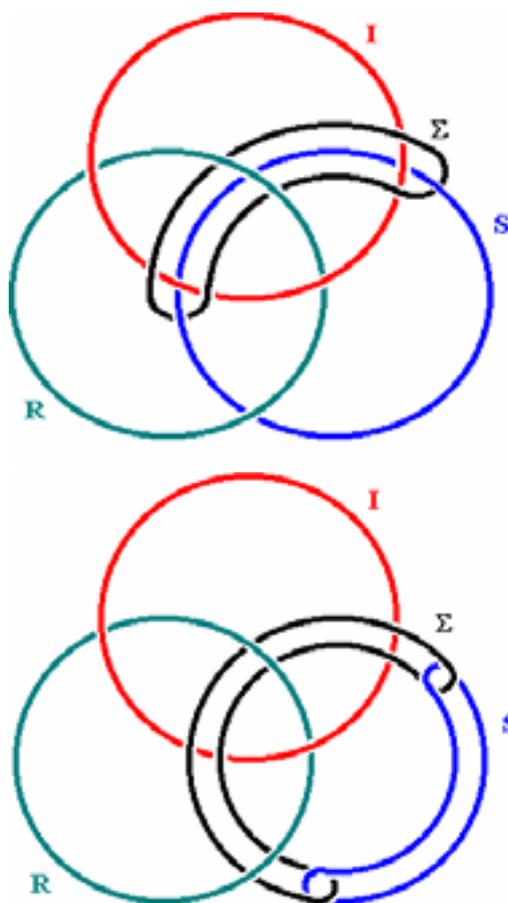
É também o que o sujeito tem de mais próprio. É por isso que Lacan pode chegar a essa formulação radical, a saber, que em fim de análise, o que o sujeito tem a fazer melhor é se identificar a seu sintoma enquanto sinthoma, quer dizer ao que ele tem de mais real. O sujeito advém então como resposta ao real (37).

É assim que Lacan deu à Joyce seu nome: Joyce – o –sintoma.

Para concluir

Três considerações sob formas de questões.

O sinthoma, como a letra, não é para se ler. Não podemos lhe atribuir o estatuto da letra: não interpretável, separado da cadeia significante, “godet” onde se deposita, se condensa o gozo? O sinthoma, como a letra, não é marca, rasura, onde o sujeito tem que reconhecer o pouco de ser o qual



ele pode se complementar?

O gozo opaco do sintoma não se reduz ao gozo fálico aparelhado à cadeia significante onde consiste o saber inconsciente; esse gozo do sintoma engancha-se ao que resta, ao objeto, e como tal constitui um resíduo de gozo a-sexuado. Mas se o sintoma visa a preeminência do gozo fálico, se ele não é todo gozo fálico, ele não abre, assim como a letra que feminiza, em direção a um Outro gozo?

Enfim, não é do lado do sintoma que há a esperança do despertar? “Não é certeza que se está acordado, diz Lacan, que se o que se apresenta e representa é sem nenhuma espécie de sentido”; “não é o caso do inconsciente: a doença mental que é o inconsciente não desperta” (38), acrescenta ele, como eu os lembrava no início desta conferência.

Restam então o real do sintoma ao que o ser de cada um se reduz, o ideal da interpretação como poética, efeito de sentido mas também efeito de buraco, e o sonho de um significante novo, sem nenhuma espécie de sentido. Reconheçamos isto, legados a nós por Lacan, os três nomes do despertar.

Tradução: Vanessa Leite
Revisão: Marcelo Veras

Referências Bibliográficas

- J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XX, Encore* (1972-1973), pp. 29-38; Le Seuil, 1975.
- (2) J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-1977), in *Ornicar?* nº12/13 à 17/18.
- (3) J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-1977), in *Ornicar?* nº17/18. pp.9 et 21.
- (4) J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XXIII, Le sinthome* (1975-1976), leçon du 13 avril 1976, p. 139, Le Seuil, 2005.
- (5) J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XX, Encore* (1972-1973), p. 29; Le Seuil, 1975.
- (6) J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XXV, Le moment de conclure* (1977-1978), leçon du 10 janvier 1978, inédit.
- (7) J. Lacan, “Introduction à l'édition allemande d'un premier volume des *Ecrits*”, in *Scilicet* nº5, p. 14.
- (8) J. Lacan, *Télévision*, p. 22, Le Seuil, 1973.
- (9) J. Lacan, “Conférence à Genève sur le symptôme”, in *Le bloc-notes de la psychanalyse* nº5, p. 12.
- (10) J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-1977), leçon du 16 novembre 1976, in *Ornicar?* nº12/13, p. 6.
- (11) J. Lacan, *Télévision*, p. 20, Le Seuil, 1973.
- (12) J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XX, Encore* (1972-1973), p. 44 et pp. 126-131; Le Seuil, 1975.
- (13) *ibid.*, p.129.
- (14) *ibid.*, p.125.
- (15) J. Lacan, “Conférence à Genève sur le symptôme”, in *Le bloc-notes de la psychanalyse* nº5, p. 10.
- (16) J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XX, Encore* (1972-1973), p. 52; Le Seuil, 1975.
- (17) J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XXVII, Dissolution* (1979-1980), leçon du 11 mars 1980, in *Ornicar?* nº 20/21, p.16.
- (18) J. Lacan, *Télévision*, p. 40, Le Seuil, 1973.
- (19) *ibid.*, p. 19.
- (20) J. Lacan, “Introduction à l'édition allemande d'un premier volume des *Ecrits*”, in *Scilicet* nº5, p. 11.
- (21) J. Lacan, “...Ou pire”, in *Scilicet* nº5, p. 10.
- (22) J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XX, Encore* (1972-1973), p. 102; Le Seuil, 1975.
- (23) J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse* (1964), p. 226, Le Seuil, 1973.
- (24) J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XXVII, Dissolution* (1979-1980), leçon du 18 mars 1980, in *Ornicar?* nº 20/21, p. 19.
- (25) J. Lacan, “Joyce le symptôme I”, in *Joyce avec Lacan*, pp. 24-27, Navarin, 1987.
- (26) J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-1977), leçon du 10 mai 1977, in *Ornicar?* nº17/18, p. 17.
- (27) J. Lacan, “Joyce le symptôme I”, in *Joyce avec Lacan*, p. 28, Navarin, 1987.
- (28) J. Lacan, “Joyce le symptôme II”, in *Joyce avec Lacan*, p. 36, Navarin, 1987.
- (29) J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-1977), leçon du 15 mars 1977, in *Ornicar?* nº17/18, p. 9.
- (30) J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XXIII, Le sinthome* (1975-1976), leçon du 13 avril 1976, pp 132-133, Le Seuil, 2005.
- (31) *ibid.*, p.139.
- (32) J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XXII, R.S.I.* (1974-1975), leçon du 18 février 1975, in *Ornicar?* nº4, p. 106.
- (33) J. Lacan, “Conférences aux U.S.A.”, in *Scilicet* nº6/7, p. 40 et pp. 58-59.
- (34) J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XXVII, Dissolution* (1979-1980), leçon du 24 janvier 1980, in *Ornicar?* nº 20/21, p. 12.
- (35) J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XXV, Le moment de conclure* (1977-1978), leçon du 10 janvier 1978, inédit.
- (36) J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XXVII, Dissolution* (1979-1980), leçon du 10 juin 1980, “Le malentendu”, in *Ornicar?* nº 22/23, p. 12.
- (37) J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-1977), leçon du 16 novembre 1976, in *Ornicar?* nº12/13, p. 6.
- (38) *ibid.*, leçon du 17 mai 1977, in *Ornicar?* nº17/18, p. 21.

